

OLHO IMPRUDENTE

N. K. Jemisin

Tradução de Jim Anotsu

Mulher negra, trinta e poucos anos, desacompanhada. Dirigindo um Tesla de cem mil dólares? Sem chance de Carl não pará-la. Vestida com roupas casuais. Não tinha pele clara nem era bonita o suficiente para ser amante de algum magnata.

— Qual é o problema, policial? — ela pergunta quando ele se aproxima da janela.

Mãos bem à mostra no volante, nenhuma expressão no rosto. Não estava com cheiro de maconha nem de qualquer outra substância ilícita, mas ele vai achar alguma coisa. Ele sempre encontra algo quando olha nos olhos.

— Carteira de motorista e documentos do veículo, por favor — diz.

— Algum motivo para você ter me parado? Tenho certeza de que eu não estava acima do limite de velocidade.

— Carteira de motorista — ele diz, lentamente, mas (sempre!) educado — e documentos do veículo.

Ela hesita por mais um instante, o silêncio entre eles pontuado pela ventania dos carros passando. Carl poderia muito bem prendê-la só por causa daquela hesitação — obstrução ou resistência, talvez —, mas ele espera. É um cara paciente. Alguns segundos depois ela tira as mãos do volante, devagar.

— Vou esticar a mão até o vão na porta do carro — ela fala. — Eu guardo aqui numa pastinha os meus documentos e outras informações. Posso pegar?

— Por favor — Carl diz, divertindo-se com aquilo. Culpa dos vídeos sobre “como falar com um policial” que estavam bombando no TikTok.

Ela lhe entrega dois cartões. Um deles é o documento do carro, que está dentro da validade. O outro é a carteira de motorista, também em dia — e presa nela, aparentemente por acaso, está o cartão de filiação dela à Ordem Nacional dos Advogados. Também dentro da validade.

Ele olha para ela de relance. Ela encara as curvas suaves da estrada, como se não estivesse nem aí para a presença ou para o que quer que ele achasse so-

bre a carteira que ela tinha dado. Mas isso não importa. Cadê o celular dela? A maioria dos motoristas deixa no banco, no espaço ao lado deles ou preso num suporte no painel. Se está fora de vista... O estado de Carl permite a gravação de uma das partes. É melhor esperar pelo pior.

Então ele devolve os documentos da mulher.

— Obrigado, senhora. Tenha um bom dia.

Ela o encara de verdade pela primeira vez, ainda com aquela expressão neutra — mas há frieza no olhar. Os olhos não mentem.

— Você poderia me informar o motivo pelo qual me parou, policial... Billings?

— Bem, agora dá para ver que não, mas achei que tivesse alguma coisa errada com os seus faróis.

Ele se afasta da janela, dando a volta até a dianteira do carro. Os faróis continuam acessos, e ele sabe o que esse modelo *deveria* ter: LEDs com borda branca, inclinados para dentro. O que tem na frente do carro dessa mulher é meio intrigante e bem mais bonito do que LED. Eles seguem seus movimentos à medida que ele se move. Íris marrons, como as da motorista, e igualmente frias. Sem piscar, sem desviar o olhar, apenas uma encarada firme e afiada. Vai saber o que ela está aprontando — porque sempre tem alguma coisa —, mas, seja lá o que for, a cadela já está preparada.

De qualquer forma, ele poderia dar um jeito nela. A câmera do seu uniforme está desligada, “com defeito”. Pode muito bem arrancar a mulher do carro, dar uns tapas para ela ver que ele não tem medo dela ou de qualquer outro advogado, enfiá-la numa sala até descobrir o que tinha feito. Talvez fosse até melhor atirar nela, na verdade; morta não processa ninguém.

Ainda na frente do carro, ele ergue o olhar. Tem um retângulozinho atrás do retrovisor. Não dá para saber o que é ou para onde está apontando, mas ele tem certeza de que é uma câmera.

Mesmo assim ainda dava para fazer o que tinha pensado. Mulheres pretas não costumam viralizar.

Ele suspira e caminha de volta até a janela do carro.

— Desculpa por tê-la parado, senhora. Não vejo nenhum problema desta vez. Tenha um bom dia.

Ele sente os olhos dela — os do rosto — nele enquanto volta para o carro.

— Você também, policial.

Até a próxima, vadia.

Carl começou a ver os olhos alguns meses atrás. No início ele achou que fossem apenas uns faróis novos que estavam na moda. Todo ano surge algo assim — bor-

das de neon, múltiplas luzes insetoides, em forma de coração ou capuz de cobras. Bregas, mas não ilegais. Aqueles olhos, no entanto, são realistas demais para serem apenas mais uma febre. Eles *piscam*. Possuem veias em toda a esclera, estrias nas íris, meleca nos cantos. Carl os viu se manifestando uma vez: halogênio comum num instante e então, uma piscada, e começavam a piscar. Naquele momento ele entendeu outra coisa: os olhos são um negócio mágico, ou sobrenatural, se é que existe alguma diferença. Ele sai por aí perguntando, comentando como quem não quer nada, sobre a nova moda dos faróis para alguns colegas patrulheiros de estradas, mas ninguém tinha visto. Ninguém fala de olhos esquisitos nos carros. É uma magia específica para Carl, ou uma benção, um dom psíquico. Só dele.

Deve haver algum motivo para isso, então Carl começa a parar todos os motoristas cujos carros tenham olhos para descobrir qual pode ser. A princípio, é complicado. Ele costuma montar radares de velocidade com a sua viatura em um dos lados da estrada, na mesma direção do fluxo do trânsito, mas é mais fácil enxergar os olhos no sentido contrário. Eles nunca estão nos faróis traseiros. Na verdade, brilham com o mesmo tipo de luz que qualquer iluminação automotiva, os feixes num ângulo que atravessa a pupila, por isso ele perde alguns, porque é difícil se atentar ao modelo e à cor do carro quando a visão noturna está arruinada. Ainda assim, o primeiro “olho de carro” que ele pega é uma mina de ouro. Um cara em roupas de trabalho, carro bacana (nem tanto assim), mas com um leve cheiro químico. O nome dele é Gimenez. Fala de um jeito falsamente amigável. Cubano de terceira geração da Flórida; faz questão de dizer que vota nos Republicanos. Quando Carl chama uma equipe de cães farejadores, o cara continua de boa, chega até a oferecer a maleta dele para inspeção. O cachorro emite um alerta para a maleta, que acaba por ter uns baseados num bolso. Maconha é legalizada, como o sr. Gimenez claramente sabe; bela distração. Ele sorri quando Carl e o policial com o cachorro fecham a maleta. Carl sorri de volta — e lembra ao sr. Gimenez que ele transportava uma substância da tabela 1 vindo de um estado onde ela não era legalizada, o que dá a Carl um pretexto para fazer uma busca completa no carro. Gimenez se irrita. Começa a falar de processos e de ligar para o prefeito de uma cidade da qual Carl nunca ouviu falar. De qualquer modo, há um volume palpável no teto. Carl corta o forro e encontra dois quilos da mais pura heroína sul-americana, compactada e costurada em saquinhos de vinil. Também há um embrulho de dinheiro — dez mil em notas pequenas.

Mais tarde, o capitão da unidade informa a Carl que a heroína valia mais de duzentos mil dólares na cotação das ruas. Nem perto da grana que o sr. Gimenez informou, mas um traficante vive mentindo, não é mesmo? De qualquer modo, Gimenez faz um acordo, a Polícia Rodoviária pode se vangloriar no Facebook de uma grande apreensão e todo mundo sai feliz.

Carl decide não chamar nenhuma outra unidade da próxima vez que vir os olhos. A magia dele comprou um deque novo pro cara dos cachorros e o filho da puta nem pra dizer um “obrigado”.

Carl está passando pela mesa do supervisor de seu turno quando ele — Kinsey — se levanta e o acompanha até o vestiário. Como não é hora de troca de turnos, a sala está vazia, e não há câmeras. Eles têm privacidade.

Carl não gosta de Kinsey. A Patrulha Rodoviária está cheia de bons garotos; todos têm sangue azul por aqui, mas para a maior parte deles a cor branca importa mais. O que significa que Kinsey é o mais importante. O que significa que Carl é negro. Outro motivo para ele tomar tanto cuidado.

— Estou recebendo algumas reclamações — diz Kinsey, enquanto Carl veste as suas roupas civis. — Quer dizer, eu sempre recebo reclamações sobre todo mundo, mas tenho recebido várias de “abordagem sem causa” que se referem especificamente a você. Você, hum, está usando adivinhação ou coisa parecida? Engraçado.

— Eu tenho pressentimentos — diz Carl. — Que nem todo mundo. Mas eu sempre me asseguro de que tenha um motivo nos meus relatórios, não é?

Kinsey suspira, num tom de “ai, ai, essas pessoas”. Carl não sabe muito bem se isso se refere a ele ou às reclamações.

— Sabe qual é a impressão que passa quando você quebra o braço de alguém depois de pará-lo por causa de um “certificado de inspeção vencido”? Você não consegue pensar em nenhum motivo melhor?

— Só tirei aquele moleque do carro. Eu nem estava tentando feri-lo.

Aparentemente foi um negócio chamado fratura por torção. A criançada de hoje não anda bebendo leite o suficiente.

— Olha. — Kinsey esfrega o rosto, parecendo irritado por ter que demonstrar empatia. — Eu entendo, mas você precisa se lembrar de que o povo tá de olho na gente. Só estamos tentando mantê-los seguros, mas tudo que eles pensam é no quanto podem receber vendendo um vídeo para o TMZ ou processando a cidade. Então, será que dá pra você *tentar* não facilitar isso para eles? Por favor?

Ele sai antes que Carl possa responder. Dever cumprido, não precisa mais tratá-lo igual gente.

E mensagem recebida, só que, de agora em diante, Carl irá descrever cada causa provável como um crime em potencial. Parece desnecessário, performático — um teatrinho para o relatório de incidentes. Imunidade qualificada e os olhos são as únicas justificativas das quais Carl precisa. Mas tudo bem; ele vai engolir esse sapo e fazer isso, porque até mesmo os justos precisam tomar cuidado.

Carl não tem namorada, só uma coleção rotativa de fodas. Nada de “amizade colorida” ou “buceta amiga”, já que isso implicaria uma relação de amizade. Ainda tem muita boa vontade pública por aí para fazer com que algumas mulheres amem policiais; Carl só é seletivo. Ele precisa de uma mulher com uma certa... maturidade? Desprendimento? Consciência da própria insignificância? Ele também só sai com brancas, em grande parte porque isso irrita Kinsey e os bons garotos. De qualquer forma, tudo que as mulheres realmente querem dele é uma chance de falar que transaram com um preto, e talvez soltar um risinho para uma preta qualquer que estiver por perto. Carl gosta de fodê-las, então acaba sendo uma manipulação mutualmente benéfica. Ele as larga caso reclamem de serem chamadas de “foda” em vez de “namorada”, ou se querem alguma coisa além de pau. Melhor simplificar as coisas.

Contudo, ele tem uma grande paixão em sua vida: um Porsche 911, série G, ano 1975, o qual vem restaurando durante a maior parte da última década. O primeiro Porsche a ter um motor turbo, duzentos e cinquenta cavalos, pneus Vredestein; uma linda fera. Carl pagou só um punhadinho pelo carro — literalmente, cento e cinquenta gramas de cocaína confiscada para o funcionário do pátio de apreensão, que tirou o veículo da lista de leilão e deu para ele. Completamente restaurado, deve valer uns cem mil dólares, fácil. O coitado tinha um estofado verde-vômito e laranja-abóbora; ele refez, trocou por um em lã de carneiro azul e pintou a lataria de preto. Carl o deixa coberto com uma lona na garagem, mas, mais ou menos uma vez por mês, tira para dar uma volta rápida na estrada, nas primeiras horinhas da manhã, durante a troca de turno ou quando Miller está trabalhando, porque Miller fica dormindo no carro dele. Carl não se dá ao trabalho de dirigir com ele pela cidade, porque não comprou o carro só para ostentar ou ganhar status. Ele já tem o pau grande o suficiente pra isso. Gosta do carro por causa do poder que lhe dá. Nada se compara a pisar fundo, se perder no rosnado do motor e deixar o mundo e seus julgamentos para trás.

(Carl soube que aquele carro deveria ser dele assim que o viu pela primeira vez, meses antes de os olhos aparecerem em sua vida. Uma coisa tão linda, sendo completamente negligenciada por um velho hippie branco aposentado que ainda tinha antecedentes criminais por causa de um protesto nos anos 70. Socou um policial, mas saiu em condicional na época. Dessa vez, com a ajuda de uma arma plantada por Carl, o hippie foi mandado para o norte do estado por alguns anos — e agora um lindo carro estava onde deveria estar. A recompensa do universo foram os olhos, graças aos quais Carl nunca mais tentou plantar evidências.)

Certa noite, Carl tem dificuldade para dormir e depois para acordar e, por fim, senta, suando, ofegando e apertando o peito. No sonho, caminhava pelo pátio de apreensão como às vezes faz na vida real, procurando outra oportunidade como aquela. Talvez tenha tido a ideia de começar um negócio para restaurar e vender carros antigos — mas no sonho já era noite, o pior horário para se olhar qualquer coisa. Também não havia ninguém na cabine do vigia, o que nunca acontece. As luzes do pátio onírico já estavam apagadas ou quase queimando, exceto por uma, brilhante, mas bruxuleante no fundo. E, bem ali, com uma placa que dizia JESUS ESTÁ VENDENDO pairando em cima, estava o Porsche de Carl. Ele sabia que era o dele, ainda que tivesse voltado para a cor de vômito, porque os faróis piscavam rapidamente com os feixes de luz antes de virarem um par de olhos castanhos, calmos e amigáveis. Olhos *familiares*.

Já totalmente desperto, Carl se levanta, abre a janela e observa a sua propriedade. Ele mora numa subdivisão pacífica, e falta mais ou menos uma hora para o nascer do sol. Uma calma mortal lá fora, exceto pelo vento na vidraça.

Ele precisa conferir.

Lá embaixo, do lado de fora. A garagem individual está trancada, intocada. As luzes automáticas se acendem bem na hora, o sistema de segurança é desativado assim que ele digita o código. Liga as luzes de showroom — LEDs, para não estragar a pintura — e não há nada piscando. Carl segura a ponta dianteira da capa de proteção do carro com uma mão e a levanta, devagar. Os pneus precisam ser polidos. E...

Nenhum olho.

Era só um sonho. Carl nunca viu os próprios olhos em nada, muito menos num carro. Não deveria ter tomado aquele sorvete antes de dormir.

Ele define um novo alarme, apaga as luzes e volta para casa, se detendo na varanda por um tempo para que a escuridão fresca e silenciosa o acalme. Enquanto está ali, desejando que os tremores parem e desejando ter roubado a maconha de Gimenez junto com o dinheiro, ele olha para cima e nota outra daquelas malditas placas. A megaigreja local as espalhou por todo canto, tentando assustar as pessoas para que comprem uma nova casa de praia para o pastor. As placas não deveriam ser colocadas tão perto de áreas residenciais — poluição luminosa ou coisa do tipo —, mas aqui está, clara como o dia. A mesma que Carl tinha visto no sonho: um fundo vermelho sinistro com letras pretas grossas formando JESUS ESTÁ VENDENDO.

É melhor Jesus manter a porra da boquinha fechada. Carl volta para dentro de casa.

Carl sabe que está ferrado quando entra na estação naquele dia e nota que os companheiros de tropa nem olham para ele. Eles geralmente preferem encarar ou segui-lo com os olhos, chapiscando as costas dele com todo o desprezo que não têm coragem de arremessar pela frente. Agora, no entanto, encaram suas mesas ou telas enquanto ele passa, e há certa inquietude na tensão deles. Vergonha, ele suspeita mais tarde — talvez porque quisessem admirá-lo e se odeiam por isso, ou porque o ato dele fez com que se lembrassem de suas próprias transgressões.

Ele entra no escritório de Kinsey segurando o post-it escrito “VENHA ME VER” que estava colado na tela do seu computador.

O vídeo tinha sido postado no Instagram no dia anterior, mas ele se lembra de o incidente em si ter sido um ano atrás. Uma mulher do Oriente Médio, de meia-idade, usando um hijab, belas tetas. Cometeu o erro de falar demais ao ser parada por excesso de velocidade. Carl estava tendo um dia ruim. Que melhorou depois de meter o cassete dobrável na boca da mulher. Ela perdeu uns dentes e passou a noite na cadeia; no que dependia dele, ela tinha dado sorte. Poderia ter sido bem pior. Agora ela o estava processando por — veja só — agressão sexual. Porque o cassete era fático, Carl supõe, mas às vezes um cassete é só um cassete, porra.

Mas a parte mais frustrante de todas é que exista um vídeo. Mesmo quando Carl está tendo um dia ruim, ele ainda fica atento para ver se tem algum celular com aquela luzinha dedo-duro ligada. Ele confere atrás dos espelhos e até faz com que desliguem o carro para que o celular não fique sincronizado com o microfone por meio do Bluetooth. Pelo ângulo, parece que a mulher estava com o telefone dela no banco de trás. O vídeo está torto e tem alguma coisa tampando parte da vista; talvez ela o tivesse colocado debaixo de algo? De qualquer modo, ele tinha deixado passar, e agora foi pego. Pior ainda, aparentemente a mulher era mais velha do que aparentava. A mídia já estava soltando manchetes do tipo: VOVZINHA AGREDIDA EM VÍDEO PROCESSADA A POLÍCIA E PEDE TRÊS MILHÕES DE DÓLARES.

(Ele tinha visto os olhos na frente do carro dela, arregalados e convidativos. Havia olhos adicionais também — alguns no para-choque, um parcialmente escondido no emblema da marca no capô. Foi assim que teve certeza de que ela era um problema, ainda que, depois de uma busca, não tivesse encontrado nada que valesse a pena. O promotor retirou a acusação de resistência. Ele deveria ter tomado mais cuidado.)

Kinsey fecha o laptop.

— O sindicato já está interferindo — diz. — O advogado dela falou com a imprensa antes de conversar com a gente; estão, obviamente, querendo uma bofada. Mas vou ter que te colocar de licença não remunerada até isso tudo passar.

Ele é bem direto. E Carl é bem direto ao entregar a sua pistola e a sua arma de choque. Não é a primeira vez que ele é obrigado a fazer serviço burocrático

ou tirar licença por alguma coisa do tipo, por isso sabe que vai ficar tudo bem. A “vovozinha” não é jovem, bonita ou branca o suficiente para manter a atenção do público por muito tempo.

No entanto, depois que Carl vai para casa e dá uma olhada no Facebook, ele vê mais gente do que gostaria falando sobre o incidente. Alguns perfis grandes estão compartilhando nas redes sociais e... puta merda. Algumas celebridades? Eles não têm mais o que fazer? E um senador estadual...

Vai ficar tudo bem.

Não está tudo bem.

Carl tem um amigo: Bo Walker, um xerife do condado vizinho. Eles costumam sair para beber uma semana ou outra, e se juntam às vezes para assistir a um jogo. Bo informa que Carl poderá começar a trabalhar no departamento dele dentro de uns seis meses, que deve ser tempo mais do que o suficiente para a balbúrdia dar uma acalmada. Há coisas implícitas nisso: Carl vai ter que aceitar um salário menor, para início de conversa. Além disso, ainda tem chances de receber uma condenação por causa do vídeo do cassetete, porque o sindicato não agiu como deveria. Ah, eles fizeram, sim, muito barulho e usaram os subterfúgios de sempre, mas quando Kinsey decidiu demitir Carl, eles não o impediram. Isso quer dizer que Carl está vulnerável o bastante para, talvez, ser mandado para a cadeia, e todo mundo sabe disso. Bo também sabe, mas ele provavelmente acha que vale o risco para poder contratar outro oficial da lei por uma bagatela. (Carl acredita que homens não fazem amigos de verdade, ainda que chamem disso em nome da civilidade. O que eles têm mesmo é uma rivalidade amigável. Ele e Bo trocam favores o tempo todo, mas ainda tentam superar um ao outro sempre que possível.) Ainda assim, com seis meses e um pouco de sorte, Carl poderia ter *uma* vida de volta, ainda que não fosse a que ele queria. Aceitaria mesmo assim.

Bo também concorda em comprar o Porsche de Carl. Carl não quer vender, maldição. Ele ama aquela droga de carro. Mas seis meses é muito tempo para viver sem renda, e a vaquinha online que ele criou não está indo bem. Ele mesmo leva o carro até Bo, e então limpa tudo com um pano de camurça numa lenta despedida. Chega até a soltar uma ou duas lágrimas quando Bo o leva embora e ninguém está por perto para ver.

A dor é aliviada, mais ou menos, pelo fato de os sonhos terem cessado. Ele estava tendo algumas vezes por semana, sempre o mesmo, sempre terminando com os seus olhos no Porsche. De repente, volta a dormir tranquilo, e, por uma

semana, o tempo livre e a consciência leve se unem para fazer com que Carl se sinta de férias pela primeira vez em muitos anos. Ele se alonga e gosta disso. Coloca uma rede no quintal e se deita nela por horas, sacudindo o estresse enquanto beberica uma cerveja e lê revistas de carro. Até bate uma punheta por ali algumas vezes, mesmo sabendo que um dos vizinhos consegue ver o quintal. (Certo dia, depois de uma gozada daquelas, Carl olha bem para a janela do vizinho e sorri. O vizinho, que de fato estava assistindo, fecha rapidamente a cortina e nunca mais olha Carl nos olhos.)

E então, do nada, uma semana depois ele recebe uma ligação de Bo:

— Que caralhos cê tem na cabeça, mano? O carro é uma merda.

— O quê?

— É uma *merda*. Até liga, mas morre.

Que merda. Carl senta na rede de forma desajeitada.

— Não tava assim antes. Você já chamou um mecânico...

— Acabei de comprar essa bosta de você, eu não deveria ter que chamar um mecânico! Você falou que tava um brinco! Cara, eu tô tentando te ajudar, mas você também dificulta pra caralho. Dá o seu jeito. Agora.

Clique.

Carl vai até a casa de Bo, que fica rodeando, resmungando o tempo inteiro enquanto ele avalia os ignitores e a linha de combustível: os vilões de sempre. Realmente tem algo de errado. Ele nem faz o barulho que costuma fazer quando Carl o liga; o motor desliga, mas fica com um ruído lento no fundo de suas entranhas, que se transforma numa tosse e, por fim, solta uma lufada de escapamento sujo e morre depois de uns cinco minutos. A suspeita de Carl é um filtro de combustível entupido, ou talvez ele só esteja torcendo para que seja alguma coisa simples assim. Se for o virabrequim, não vai dar para arrumar só com aquela sacolinha de ferramentas dele.

Ele sugere guinchar o carro até a própria casa, onde ele tem um macaco — e Bo fica puto. Bo sempre teve o pavio curto, mas Carl nunca tinha visto ele assim. (Mas, também, é de imaginar que um carro de cem mil dólares estremeça qualquer amizade.) Bo cola no rosto dele, o cutucando para enfatizar cada sílaba.

— Você acha que vai tirar uma com a minha cara? Tá achando que sou um daqueles covardes lá do seu departamento? Eles nunca enxergaram o merda que você é, mas eu sempre soube. Agora eu vejo! — Aponta dois dedos para os próprios olhos, a primeira metade do gesto que diz “estou de olho em você”, e as entranhas de Carl se contraem, inexplicavelmente. — Você vai levar essa merda de volta e vai me devolver cada centavo do dinheiro que eu te dei. E depois disso, acabou. Chega de favores para você.

Carl quer perguntar se isso inclui o trabalho prometido — mas há uma preocupação mais urgente. Ele já gastou boa parte do dinheiro pagando os três meses de financiamento que estavam atrasados.

— Cara, corta essa, você não pode...

— *Espera só pra ver.*

Os dois discutem por um tempo, Bo parecendo que enlouqueceu, Carl segurando a vontade natural de descer o cacete nele, até que Bo finalmente concorda em dar um tempo a mais para que Carl conserte o carro. Carl decide ir embora antes que o temperamento dele fale mais alto. Na manhã seguinte, vai voltar com as ferramentas boas e ver o que dá para ser feito, torcendo para que Bo se acalme.

Ele não consegue dormir naquela noite, repassando o encontro várias e várias vezes na cabeça. Por que Bo estava tão agitado? Parecia ter mais do que dinheiro envolvido naquela história. Além disso, não era só raiva; Carl não teria trabalhado como policial durante tantos anos se não tivesse capacidade de distinguir entre raiva de verdade e medo disfarçado de raiva. Por que Bo estava com tanto *medo*? E por que aquele comentáriozinho aleatório tinha perturbado tanto Carl?

Agora eu vejo.

Carl prende a respiração. Será que Bo também consegue ver os olhos?

Carl ainda vê, embora não possa fazer nada a respeito dos motoristas, já que não tem mais um distintivo. Um Miata velho, aquele Escalade novinho em folha; os motoristas são jovens ou idosos, brancos ou não, bem-vestidos ou maltrapilhos, mas ele sabe que estão metidos em alguma merda por causa dos olhos. Sempre tem alguma coisa.

E...

Carl senta na cama, a respiração é só um arranhar na garganta. Ele nunca chegou a olhar a dianteira do carro de Bo.

(Mais tarde Carl vai se dar conta de que não estava pensando direito naquele momento. Ele nunca olhou para o carro de nenhum dos companheiros do batalhão porque achou que a *maioria* fosse ter olhos. Eles batiam nas esposas, vendiam carteiras falsas de vacinação, escondiam o vício em opioides e faziam coisas piores — muito piores do que qualquer coisa que Carl já tivesse feito, no fim das contas. Odiava aqueles caras, mas precisava trabalhar com eles, e isso incluía Olhar Para o Outro Lado no estacionamento.)

Então o que será que Bo está aprontando? Deve ser bem ruim.

Quando chega a manhã, Carl já tem um plano. Tudo bem, apenas metade de um plano, mas uma metade importante: vai dar uma olhada no carro de Bo — a picape que ele dirige no dia a dia, uma vez que Carl já tinha visto que o Porsche não tem olhos. A incógnita é o que Carl fará depois, caso os encontre. A maior parte consistirá em perguntas gentis e cuidadosas a Bo — ainda precisa do emprego.

Mas se Bo acha que vai fazer com que Carl devolva o dinheiro, quando claramente foi Bo que danificou o Porsche de alguma forma... bem, eles terão uma conversa.

Ele leva o seu cassete pessoal, no entanto. Porte tecnicamente ilegal, mas pode ser que a boca de Bo precise ser afrouxada.

Carl deveria chegar à casa de Bo às dez, mas ele chega às oito para dar uma desestabilizada no cara.

— Só quero começar logo — diz, enquanto Bo o encara de modo turvo pela porta telada. Carl exhibe um sorriso de merda ao dizer isso, o que é bem fácil, porque Bo tava com a maior cara de quem tinha acabado de sair da cama. — Você só precisa abrir a garagem, cara, e pode voltar a dormir se quiser. Quero acertar as coisas.

Isso parece acalmar Bo, que resmunga mas acaba vestindo uma calça na bunda lisa e acompanha Carl até a garagem. Ao longo do caminho, Carl conversa com ele, o faz relaxar, se aproveitando da confusão de quem acabou de acordar. Não dormiu bem? Ah, pesadelos? É, Carl também tinha isso; estresse. Os caras do batalhão estavam causando problemas? E aquela novata gostosa... Samantha, o nome dela? Acho que ela aguenta um tranco naquela rabeira, hein? Ha, ha, ha. Carl joga conversa fora enquanto suspende a parte traseira... e aí, puta merda. Ele também precisa levantar a parte da frente. Será que Bo teria mais dois macacos? E aquele no carro do dia a dia? Nada disso, nada disso, Carl pode pegar, Bo só precisa emprestar as chaves.

Bo não confia tanto assim nele, mas guia Carl até a garagem anexa. Ela está abarrotada de instrumentos nitidamente rurais: um freezer, um gerador, uma bicicleta de criança e o cortador de grama mais enferrujado e capenga que Carl já tinha visto. Será que ele nunca limpa esse negócio? E a caminhonete de Bo, embora seja relativamente nova, está toda amassada e parece que não é lavada há semanas. Carl não consegue acreditar que tinha vendido o seu bebê para um desleixado.

Enfim, ele inventa um motivo para ir até a frente da caminhonete e...

Nenhum olho. Hum. Caralho. Ele tinha certeza de que teria.

Os dois voltam para a garagem principal. Carl levanta o Porsche e começa a trabalhar. Tudo fica quieto por um tempo, mas daí:

— Aquele pesadelo foi sobre você, sabe — diz Bo, cruzando os braços.

Carl, com os braços enfiados no motor, faz uma careta. Solta uma piadinha.

— Eu não corto pra esse lado, cara, foi mal.

Bo solta uma risada sem um pinga de humor.

— Ha ha, muito engraçado, cuzão. Voltando. Sonhei que você tinha parado uma moça e enfiado o dedo nela quando ela implorou para não ser levada para a cadeia. E tinha um garoto de uns treze ou catorze anos. Ele tinha pegado a caminhonete do pai para dar uma volta e acabou batendo, mas ele estava bem... até você chegar. Só que aí, não sei como, acabou com uma concussão e as coste-

las quebradas. E tinha um velho. — Bo boceja. Carl olha para ele pela sombra do capô, todo arrepiado. — Meio doido da cabeça, uns oitenta anos. Você o parou por dirigir muito devagar na pista rápida e começou a quebrar os dedos dele enquanto ele chorava pelo filho e pela esposa e...

— Cara, de que porra você está falando?

Carl não é burro. Ele sabe como funciona um interrogatório. Bo está jogando uma isca. Mas apesar de estar se fazendo de bobo, Carl está horrorizado. Como caralhos Bo *sabe* daquilo? O garoto estava com muito medo de denunciar Carl. O velho teve um ataque cardíaco, não sobreviveu para contar sobre os dedos. (Uma queda, relatou Carl. O legista não fez questão de questioná-lo.) E há *detalhes* no que Bo tinha dito que ele não poderia saber a menos que houvesse câmeras, mas Carl verificava, caralho, ele *sempre* verificava...

— Foi só um sonho. — Bo dá de ombros, mas o olhar dele é duro. — Dito isso... Já pensou em como vai me pagar se esse carro continuar sendo uma merda depois que você terminar?... Vai saber, talvez eu precise dar uma olhada numas coisas daquele sonho. Me certificar de que nada daquilo aconteceu. Né?

Ele sorri, com uma malícia amigável.

Como? Como é que ele sabe?

— A sua cabeça é toda fodida, cara — diz Carl.

Ele quer continuar falando, mas... Concentra-se no motor, e tenta pensar.

Bo deve estar vendo os olhos. Ou isso ou ele tem os próprios poderes... os sonhos de Carl nunca tinham sido verdadeiros, mas os de Bo são. Não é de surpreender que agora ele tenha medo de Carl, se a venda da Justiça tiver caído só um pouquinho.

No entanto, os sonhos também mentem. Tipo... o que quer que Bo o tenha visto fazer com aquela menina, ela não era inocente. Ela tinha um OnlyFans — Carl viu os cartões de visita na carteira dela. Muitos promotores consideram a prostituição um crime sem vítimas, só mandam para aconselhamento ou algo do tipo, nem chegam a registrar queixas. A única coisa que Carl fez foi se certificar de que ela tivesse a punição que merecia. E ele sabe muito bem que ela não fez nenhuma denúncia, porque logo depois ele fez questão de lembrá-la de que tinha o endereço da casa dela...

Foco. Bo não mencionou os olhos, então talvez sejam apenas sonhos mesmo. E talvez para ele os sonhos sejam distorcidos, incompletos, porque essa é a magia *de Carl*. De alguma forma, Bo tinha absorvido um pouco daquilo por meio do Porsche, alimentando-se indiretamente do poder de Carl... mas não deveria ter feito isso. Aquele poder não tinha sido feito para ele.

Será que o Porsche era a fonte da magia? Ai, Deus. E como Carl cometeu o terrível erro de vender o Porsche, o que Bo tinha recebido era tipo o carro em si:

um belo instrumento de precisão danificado, *contaminado* pela mão de um proprietário indigno.

Tudo bem. Tem como consertar. Carl pode ter quebrado as regras ao vender o Porsche, mas até os mais justos cometem erros. Carl só precisava se redimir.

Ele passa a manhã inteira trabalhando com afinco, não mais tentando resolver o problema do motor — porque agora sabe que o verdadeiro problema é de propriedade —, mas enrolando para passar o tempo. Trabalha em silêncio enquanto troca os cabos da bateria e faz outros serviços. Normalmente Bo liga o rádio para ter um barulho de fundo enquanto conversam e dão risada, mas, por algum motivo, desta vez Bo não se ofereceu para fazer isso. Observa Carl trabalhar por um tempo, parando e fingindo que entende metade do que está sendo feito, mas depois de cerca de uma hora senta numa cadeira dobrável velha e começa a fuçar o celular. Depois de uns quarenta e cinco minutos, a cabeça dele começa a cair na direção ao peito. Depois de mais uns dez... Carl observa tentando disfarçar, contando a própria respiração, tomando cuidado para não fazer nenhum barulho súbito... a cabeça de Bo afunda, e ele começa a roncar.

Finalmente. Carl tira o cassetete da bolsa de ferramentas.

Há uma caixa de lonas na garagem anexa. Carl também tem uma luz ultravioleta em sua bolsa de ferramentas. Ele a colocou lá havia muito tempo para ajudar a localizar vazamentos no motor, mas é útil para encontrar todos os tipos de respingos de fluidos. Parece que o universo finalmente está trabalhando com Carl de novo, para ajeitar as coisas.

A caminhonete de Bo não serve. Nem o Mustang de Carl, por motivos óbvios. Ele decide, com grande tristeza, que terá que ser o Porsche. Ele vai fazer ele voltar a funcionar e depois dirigirá até Echo Lake, no estado vizinho. Tem tanto lixo no lago que normalmente um veículo levaria anos para ser encontrado — mas Carl, obviamente, relatará que Bo está desaparecido, preocupadíssimo com o amigo. Carl também notará que o Porsche desapareceu. Pelo menos algumas câmeras de velocidade ou de pedágio vão apontar o caminho para o lago. Vai parecer uma venda que deu errado, algum louco por carros antigos tentando encobrir seus rastros abandonando o objeto de disputa. Carl terá que fazer alguns rearranjos criativos no cadáver para que ele caiba no minúsculo porta-malas dianteiro do Porsche, mas, veja só, Bo vivia falando que precisava ser mais flexível.

Perder o trabalho é uma pena. Carl precisará vender a casa e se mudar para outro lugar para encontrar outro departamento de polícia para trabalhar, o que é uma droga. Ele vai ficar de olho no condado de Bo e verá se o novo xerife não

está interessado em um oficial experiente que conheça a área. Talvez até deixem Carl comprar o Porsche de volta quando deixar de ser evidência.

Ele está tão satisfeito com a forma como as coisas se resolveram que cantarola ao abrir o porta-malas para colocar Bo ali dentro. Então Carl cambaleia para trás em estado de choque, sugando o ar com um grande chiado, porque...

Olhos. *Olhos*. Olhos na luz do porta-malas e olhos na trava e olhos nas *dobradiças*, onde serão esmagados, nem faz sentido. Olhos individuais brilham na luz repentina. Um aglomerado de sete aranhas aparecendo no fundo do estepe vazio. Olhos que poderiam estar debaixo do Porsche há um bom tempo, porque Bo já havia tirado o macaco e Carl nunca tinha prestado muita atenção no porta-malas. Ninguém compra um Porsche por causa do porta-malas.

Os olhos de Bo são... eram... da cor de avelã. Estes são marrons. Como os de Carl.

— Mas eu consertei as coisas — murmura Carl. Bo queria *extorqui-lo*. O fato de o Porsche estar todo fodido é culpa de Bo. É por causa de Bo que a magia deu errado! — Eu consertei as coisas!

Ele se afasta... e agora também há olhos nos faróis, iguaizinhos aos do sonho, grandes e familiares, virando para segui-lo enquanto Carl quase tropeça no amontoado que é Bo e se agarra a uma prateleira para se equilibrar. A prateleira é uma porcaria cheia de bagunças assim como todo o resto naquela garagem, só um pedaço de compensado equilibrado sobre alguns blocos de concreto, e cai em cima da chaleira quando o peso de Carl a atinge. Uma lâmina de serra circular tomba e atinge seu braço; Carl mal sente a pontada de dor ao se ajoelhar. (Todos os olhos do carro piscam.) Ele coloca a mão sobre o ferimento e tenta se endireitar, tenta se concentrar, tenta...

Alguma coisa pulsa, quente e redonda, debaixo da mão dele.

Ele congela. Olha para o braço, que sangra muito; sangue jorrando por entre seus dedos e caindo no chão em uma cascata espessa e acobreada. Droga, agora ele também tem que limpar isso. A coisa desconhecida se move de novo debaixo de sua mão, rápida, intermitente e escorregadia. Parece um nó? Debaixo da pele.

Carl tira a mão do ferimento no antebraço e passa um longo momento encarando o único olho castanho que surge de dentro do corte sangrento. Ele pisca rapidamente, tentando tirar o sangue dos cílios.

Certo. Lado bom: a magia voltou, e mais forte do que nunca.

Lado ruim: está maculada.

Carl sente que este é o castigo por ter vendido o Porsche... e por ter sido pego por aquela velha muçulmana, e por desperdiçar a amizade com Bo, e por deixar os bons garotos de sempre levarem a melhor sobre ele. A justiça é cega e JESUS ESTÁ VENDENDO e Carl foi criado para ser um soldado da justiça, destinado a tornar

o mundo um lugar melhor, ainda que precise quebrar alguns dentes para chegar lá. Mas ele estava sendo desleixado, pouco cuidadoso, *toló*, e esta é a recompensa pelo seu fracasso.

Carl limpa a mão ensanguentada na camisa. (Muitos pequenos nós arredondados sob a pele, rolando contra a palma da mão ao passar sobre o peito.) No meio da bagunça que caiu junto com a serra estão uma lixadeira e um canivete. Não dá pra Carl ter certeza de que esses novos olhos serão invisíveis para os outros como os olhos dos faróis eram. Enquanto não puder retomar o seu trabalho de punir os malfeitores, a magia continuará dando errado. Precisar^á corrigir tudo manualmente.

O olho no antebraço de Carl se arregala quando ele pega a lixadeira e a aponta em direção ao ferimento. Ele sorri, feliz por estar colocando o mundo de volta nos eixos, mesmo que apenas desta forma.

E então começa a trabalhar.